



FAUST

Capítulo IV: A Tragédia Toma Forma

PT

A honra morre numa rua de paralelepípedos, a culpa se torna espetáculo público, e a aritmética da ruína atinge sua conclusão terrível — o que o desejo pôs em movimento, a consequência agora completa.



Valentin caminha em direção ao que não pode ser evitado com a economia sombria de um homem que viu o bastante da guerra para saber que a hesitação é sua própria forma de covardia. A multidão da rua se estreita ao seu redor. Sua mão repousa perto da espada com uma deliberação que não é ameaça, mas preparação — o corpo se arranjando para aquilo que a mente já decidiu. Atrás dele, Siebel segue com a devoção desamparada de um homem mais jovem que ama Valentin demais para detê-lo e sabe demasiado pouco do mundo para ter sucesso caso tentasse. A honra da família foi nomeada em voz alta nas ruas. No mundo de Valentin — e é um mundo que Faust nunca compreendeu — tal nomeação tem apenas uma resposta. Ele não está pensando em misericórdia. Ele não está pensando em consequências. Ele está pensando no estandarte, e na lâmina da manhã, e no nome de sua irmã.



O pacto mostra seus dentes em sangue numa rua de paralelepípedos. A lâmina de Mefisto encontra Valentim com precisão taxidérmica — não num duelo entre iguais, mas na rápida transação de um homem que refinou a violência em arte. Valentim cai como caem os soldados: ainda alcançando, ainda tentando, o instinto protetor intacto até o último momento. Fausto fica de pé e observa, cúmplice no silêncio, aprendendo o que a letra miúda de seu pacto realmente diz. Ele queria experiência sem contenção. Eis a experiência: o irmão da mulher que ama, morto nas pedras, morto pelo companheiro que sua ambição exigiu. O pacto transcendeu a filosofia. Extrai sangue. E o sangue não se lava — propaga-se por cada cena que segue, manchando o julgamento de Greta, sua loucura, sua execução, tudo. O litoral entre amor e destruição foi atravessado aqui, nesta noite ordinária, nesta rua ordinária.



A vergonha, uma vez madura, torna-se propriedade coletiva. Gretchen havia acreditado que sua transgressão era privada — um peso que apenas ela carregaria. Ela compreende agora, movendo-se pelo mercado com sua silhueta alterada e os olhares desviados que a seguem como sombras, que a privacidade do pecado é um luxo que os inocentes imaginam e aos culpados é negado. A mulher do padeiro se afasta. Uma mãe abraça sua filha contra si. Os olhos do sacerdote se estreitam na porta da igreja. A maquinaria social que outrora lhe proporcionava proteção — a respeitabilidade do nome de sua família, o calor da consideração dos vizinhos — inverteu sua polaridade e agora se move em sua condenação. Fausto está ausente. Ele atravessou sua vida e além dela, deixando apenas consequência. Mefisto sorri de algum canto invisível. E Gretchen permanece sozinha diante do tribunal da decência ordinária, que nunca foi — e nunca será — particularmente misericordioso.



Ela veio ao único lugar que deveria oferecer consolo e descobriu que se tornou um espelho. A catedral, que outrora a envolvia no calor ingênuo da fé herdada, agora reflete de volta a ela os contornos precisos do que ela fez. Os outros fiéis se ajoelham em sua devoção intacta, suas almas descarregadas, suas orações genuínas. Ela se ajoelha entre eles e não consegue rezar. A luz das velas que outrora parecia graça agora parece iluminação de uma espécie mais implacável — cada sombra um veredicto, cada movimento de luz pela abóbada uma acusação silenciosa. Seus dedos percorrem os contos do rosário com precisão mecânica, mas seus lábios não formam nada. A consciência fala em uma linguagem que a liturgia não consegue responder. Ela veio buscando absolvição. O que encontrou, na casa de Deus, no único lugar destinado a receber os quebrantados, é que ela está mais sozinha do que nunca.



Isto é o que permanece quando a filosofia desce à carne. Não romance. Nem mesmo tragédia ainda — apenas a matemática terrível da sobrevivência: a coisa indesejada crescendo, o amante dissolvido em ausência, cada tentativa de ocultar o que não pode ser ocultado falhando diante da evidência de seu próprio corpo. Sua beleza, outrora sua única moeda de esperança, tornou-se sua condenação. Ela se move pelo mundo diminuída, um registro do que o desejo deixa para trás quando tomou o que queria e seguiu para novos horizontes. A criança, quando vier, será a prova viva de que o esforço tem um preço — e esse preço, na economia da fome de Fausto, é sempre pago por aqueles inocentes demais para terem negociado por si mesmos. Ela não assinou o pacto. Ela não escolheu os termos. E ainda assim os termos a escolheram, com a crueldade imparcial de consequências que não conhecem distinção entre os culpados e os adjacentes.



Ele desejava possuir a inocência sem destruí-la. Aquela era a impossibilidade fundamental — e somente agora, em pé entre os escombros de sua própria obra, começa a compreendê-la. A maquinaria do pacto, sua própria fome, a aritmética enganosa de Mefistófeles — tudo avançou, e Gretchen paga o preço. Ele vê agora: que a sedução e a destruição são tecidas do mesmo fio, que seus desejos mais audaciosos se tornaram seu sofrimento mais negro. E o reconhecimento chega, como o reconhecimento moral sempre chega na história de Fausto, demasiado tarde e incompleto. Suas mãos ainda tremem por tocá-la. Sua mente ainda racionaliza enquanto sua consciência grita. Ele escolheu isto — e escolhe novamente, momento a momento, até agora. A ironia de Mefistófeles é perfeita: o amante é o destruidor, e não há posição da qual Fausto possa se colocar fora deste emaranhado e se chamar inocente.



Sua mente tornou-se uma máquina de tormento que ela não consegue desligar. Ela se move através de cômodos que outrora mantinha em perfeita ordem e os encontra estranhos — acusadores, hostis, cada superfície ordinária uma testemunha do que foi feito e não pode ser desfeito. Ela captura seu reflexo no vidro e mal reconhece o rosto que a observa de volta. Algo essencial drenouse? A culpa não é mais um sussurro. É uma procissão através de seu crânio, implacável e barroca. Ela pensa na criança, e o pensamento chega sem piedade — repetidamente, uma transmissão que não pode ser interrompida. Seu corpo se move mas sua vontade o abandonou. Não há paz aqui. Nenhuma ataraxia. Apenas o conhecimento terrível de que a inocência, uma vez perdida, não tem renovação — e que a mulher que outrora cantava em sua roca foi substituída por alguém que nunca mais cantará.



A força a espera lá fora e ela o sabe. Confessou tudo — seu pecado, o nome de seu amante, a aritmética terrível de sua ruína — com a completude de quem já transcendeu a necessidade da esperança. Fausto vem com promessas de fuga, cavalos conjurados, voo mágico para terras distantes. Ela vê seu desespero como um espelho de sua própria impotência e não se deixa mover por ele. Ele a quebrou não pela malícia, mas pelo desejo — e o desejo, ela compreende agora com clareza absoluta, é simplesmente a diabrura usando um rosto humano. Ela não fugirá. Não porque não possa, mas porque a fuga significaria abandonar a única coisa que lhe resta: a dignidade de possuir o que foi feito. Algumas dívidas não podem ser ultrapassadas. Algumas culpas não podem ser asfixiadas por saídas engenhosas. A porta permanece fechada entre eles. Sua inocência foi o preço. O preço foi pago.